



Ajuris cultural

Órgão de divulgação cultural da AJURIS - Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul
Suplemento do Jornal da Ajuris
Departamento de Cultura - Projeto *DivulgaArte*.

projeto
DivulgaArte

AJURIS
cultural

13, 14 e 15 de junho 96

PINTURA
ESCULTURA
LITERATURA
FOTOGRAFIA
OFICINAS DE:

teatro, pintura, poesia e criação de textos

CINEFORUM
PALESTRAS
RODA DE IDÉIAS



**Centro Municipal de Cultura
SANTO ÂNGELO - RS**

Também por esta via muda o Judiciário

Patrocínio

CABURÉ
SEGUROS

PROGRAMAÇÃO

dia 13, quinta-feira:

local : Centro Municipal de Cultura
horas: 20,30h.
Coquetel de abertura das mostras
de artes plásticas, fotografia e literatura.

dia 14, sexta-feira:

local: Centro Mun.Cultura e colégios.
horas: 9,00h (atividades paralelas)
entrevistas dos artistas à imprensa regional.
oficinas de pintura, poesia, criação de texto,
teatro.
palestras : que coisa é esta ser juiz.
cineforum
(platéia preferencial: alunos segundo grau
e comunidade jovem).

horas: 14,00h:

mesma programação da manhã, com
público diverso.

17,00h: Roda de Idéias.

(encontro informal de artistas e intelectuais).

20,30 hs: cineforum

(platéia preferencial : universitários, professores
e comunidade adulta)

dia 15, sábado:

horas: 10,00h.

Palestra: Texto como transmissão de idéias.

escritor José Carlos Laitano.

11,30h: encerramento do Projeto.

12,00h: Churrasco confraternização

(lista adesão).

APRESENTAÇÃO

Entre os magistrados, que fazem da palavra escrita sua forma de expressão por excelência, existem não apenas bons leitores como produtores de texto literário. Não deve haver espanto nisso. Escrever bem é uma arte e um prazer. Pode ser feito numa obra de ficção como numa decisão judicial.

Disse, certa vez, Rainer Maria Rilke: *"A arte também é apenas uma maneira de viver. A gente pode preparar-se para ela sem o saber, vivendo de qualquer forma. Em tudo o que é verdadeiro, está-se mais perto dela do que nas falsas profissões meio-artísticas"*.

O suplemento de literatura do Projeto *DivulgaArte* do Departamento de Cultura da AJURIS propõe-se a mostrar o que existe em matéria de criação nas gavetas dos juizes do Rio Grande do Sul e de outros Estados. A idéia é reunir uma parte desta produção e trazê-la a lume.

Dos mais distantes recantos comecem a chegar os poemas, os contos, as crônicas, os textos filosóficos. Um bom começo. O espaço está aí. Vamos ocupá-lo sem medo. Envie seu trabalho, em qualquer gênero; suas sugestões e críticas.

Boa leitura.

Jorge Adelar Finatto
Diretor do Ajuris/Cultural.

PROMETEU

**Nesta esperança efêmera e ilusória
De arrebatado do céu inconquistado
O fogo do amor, só me resta a glória
De ser um Prometeu atormentado.**

José Nedel

Presidente da AJURIS: Cláudio Baldino Maciel
Diretor Departamento de Cultura: José Carlos Laitano
Diretor jornal AJURIS/cultural: Jorge Adelar Finatto
Diretora Artes Plásticas: Sônia Heinz
Diretor Música e Canto Coral: Irineu Mariani
Secretária-executiva do Dep. de Cultura: Leni Schultz
Jorn. resp.: Isabel Araujo - reg.prof. 7843
Diagramação deste número: José Carlos Laitano
Editoração final: João Luis F. Santos

O FAZEDOR DE AURORAS

**Dá-me tua mão tarde de maio
tua chuva fina
teus filtros de memória
tua claridade.**

**O coração persiste
na lenta construção
das manhãs.**

VISÃO

**Eu olho as velas brancas
dos barcos que cruzam
as águas escuras do rio**

**Sentado no banco do parque
eu observo o indescritível
declínio da tarde
sobre o Guaíba**

**Aqui embaixo do eucalipto
o sangue escorrendo nas veias
os pés firmes na terra
eu acompanho o lento movimento
das águas e do planeta**

**Estou condenado ao continente
ao monótono traçado das ruas
à intromissão do tédio e do medo**

**Mas o rio é um caminho
onde a emoção navega**

Jorge Adelar Finatto

Manhã

Ubirajara Mach de Oliveira

Alva...

Pluma de vento a ressonar pelas campinas,
diáfano ressurgir da noite imensa,
espiação de sóis e gargalhadas
que intactos se guardaram nas madrugadas.

Guardiã do orvalho nos abismos escondidos,
alfombra densa onde a vida já regressa e
pura
imagem do passado se reflete.

Manhã...

Cristalinos revérberos do eterno
espectro que adentrou a noite
- alma sem corpo.

Manhã...

Salmo da gênese,
recanto edênico
que as chaminés corrompem.

Luiz Glenio B Soares

Definitivamente, os cruzamentos
Guardam surpresas para aqueles
Que se agitam para os lados.
Pode acontecer alguma coisa
Ao se cravar os pés nas esquinas
Com o olhar parado nas perspectivas
De uma das cruzadas ruas
Com o coração a espreitar dois lados
Na esperança de um fato.
E se nada acontece, o corpo continua.
Move-se rápido e espoa o sereno
Contido nas roupas, naquele segundo de espera.
Aos que olham livres, contemplantes e rotativos,
Aos que demoram mais tempo entre olhar e o pensamento,
As surpresas também podem acontecer.
Da imaginação fértil,
Dos sonhos inquietos e iriados,
Dos sentidos abrigados na estufa caseira d'alma,

DUAS FLORES

Alancardino
Vallejos

Tinha gosto
de romã madura
lavando a alma.
Eu e ela. Atados
pela calma
despudorados
e assíduos.

Amar é isso:
o necessário,
o impreciso,
azul corisco
a desenhar o
ventre.

Fomos flores
no outono,
agonizantes
na incerteza
do fruto redentor

Foi-se, disseste.
Eu fiquei.
Pétala a pétala
despetalei.
Não ouvi os
céus,
cai, murchei.

MAMBEMES

Afif Simões Neto

Por primeiro se adonam de nós, espantados meninos a procurar a mão do pai, por entre cadeiras e a multidão em desordem, e um casto cheiro de serragem. Depois são nossos filhos e a mesma cena, embora já tenha caído o pano para alguns personagens além dos palcos.

Chegam sem pedir licença, de mansinho, pé por pé, e se instalam na primeira fila do coração da gente. Como aquelas mulheres de começo de verão e seus coloridos vestidos, alheias e insensíveis aos sentimentos que provocam. Há de ser sempre assim com esses mágicos saltimbancos, que comandam, de um posto avançado das emoções, tanto o riso que brota da inocente boca desdentada como a lágrima que insiste em serpentear pelos sulcos de uma face sofrida.

Pouco importa a ferrugem do zinco e o descosido das lonas. De nada vale se a maçã não tem o mesmo gosto de outros amores, pois também estes já se fizeram rugas. E o palhaço! Ah! o palhaço da cara pintada e o sapato comprido, de bico arrebitado. Ladrão dos sonhos dormidos à sombra das velhas casas, e um pensamento perdido não sei em que longínquos cenários.

Resta agora fitar num canto do camarim o retrato da bailarina que se foi. Como supor que o amor perece, se torna lasso, devasso às vezes, depois de suas tantas juras. Palhaço de mim, nunca irão perceber tua dor, disfarçada de cambalhota. Sobrará de ti a saudade da ribalta, a iluminar alguém que "ficou para sempre com este ar de guri desconsolado, a olhar o terreno baldio, donde o circo partiu um dia antes".

A CIDADE ASSASSINADA

Fernando Rosa Grassi

Volta e meia conto fatos, refiro-me a acontecimentos que parecem ocorridos em cidade imaginária. Entretanto, tudo se passou numa cidade que não mais existe. Uma cidade que foi maltratada, violentada e, finalmente, assassinada.

A cidade é Porto Alegre, onde nasci e me criei. Porto Alegre, da minha infância e adolescência, que desapareceu, deixando raros vestígios. Hoje, há uma cidade às margens do Guaíba, ocupando o lugar da falecida. Cidade grande e violenta. Cidade sem identidade, sem alma e sem passado. Como não sou arqueólogo, só por acaso encontro, de vez em quando, pequenos pedaços da cidade de outrora. A minha Porto Alegre vive apenas na minha saudade.

Na minha cidade havia lavadeiras que equilibravam enormes trouxas na cabeça. Lavavam a roupa num riachinho que, em boa parte de seu caminho, passava nos fundos das casas de uma rua chamada Rua da Margem. Não há cenário melhor para as fantasias de um menino. Soltava barquinhos de papel e ficava imaginando mil aventuras, olhando a orla do riozinho bordada de salsos chorrões.

A minha cidade tinha uma rua chamada Rua da Praia. Tinha um nome oficial, mas ninguém ligava para ele. Era uma rua deliciosa. Não se passava por ela sem encontrar amigos e conhecidos nas muitas rodas formadas naquele maravilhoso calçamento de pedras rosadas. Quando criança, gostava de ficar olhando os brinquedos das vitrines da Casa Krahe e do Bazar Natal, as melhores. Usufruía-os com os olhos, sabendo que jamais seriam meus. A imbecilidade destruiu as duas lojas durante a guerra, porque seus donos descendiam de alemães! O Bazar Natal não voltou mais. Morreu,

A minha cidade era provinciana, diziam. Tinha bondes! Transporte seguro, gosotoso e barato. Quase não causava acidentes, não sacolejava e não poluía o ar. Tinha armazéns com balcão, tulpas e balanças de dois pratos, com os pesos em ordem numa caixinha. Os caixeiros embulhavam as compras em papel pardo, fazendo rodar o pacote no ar com uma maestria de circo.

Na minha cidade, nos verões quentes e úmidos,

passavam carrocinhas de sorvete de duas marcas, a Neve do Sul e a Regina. Podia escolher entre um picolé, um beijo-frio, um copinho ou um sanduíche de sorvete. A Neve do Sul era a mais famosa e tinha sorveteria, na Rua da Praia, para os lados do Gasômetro.

A minha cidade tinha tardes de céu cor-de-rosa encostando no ruído muito azul. Nessas tardes, quentes e abandonadas, surgia, de repente, o som de um realejo, abrigado no frescor de uma sombra, espargindo no ar aquela melodia antiga e lírica que preenchia todos os cantinhos da alma com ternuras, também, com uma irresistível tristeza.

E eu fui crescendo naquela cidadezinha encantadora. Crescendo e descobrindo as coisas da vida. E, ao chegar à adolescência, comecei a perceber que o referencial de amor era a mulher. Passei a pensar em mulher, sonhar com mulher, idealizar uma mulher. E começou a busca irremediável do prazer.

A minha cidade tinha uma sedutora zona boêmia. Bordéis magníficos e confortáveis, com belas mulheres, respeitadas prostitutas, como disse Sartre. Cabarés que ofereciam bebidas, mulheres e boa, muito boa música. Sim, a minha cidade era extremamente musical. Eu frequentava tudo, cheio de intensa curiosidade, ansioso e apressado. Preferia os bordéis mais discretos e sensuais onde namorava e amava "à luz difusa do abajur lilás". De onde eu saía dizendo como Menotti del Picchia: "Aconcheguei-me a ela, a alma vibrante e louca, o coração batendo". No fim da noite, no vazio da madrugada, uma última conversa amiga e confortante, um sanduíche de pernil do Mateus, ali na Praça da Alfândega, ou um picadinho no Treviso, ali no Mercado.

Agora vou parar. A saudade sufoca-me. Devo voltar ao presente, neste frio fim de tarde de outono. Olho uma antiga fotografia já meio amarelada. Nela, aparece uma casa da rua Avaí. Na janela está um menino sentado no peitoril. Tem um boné na cabeça e uma mulher enlaça sua cintura. Olha, meio espantado, as canoas ancoradas embaixo da janela. Não entende a tragédia da enchente. Não sabe que tem todo o futuro pela frente. E, hoje, só resta o passado na cidade assassinada.

PEDRO, O TOLO

Oswaldo Moacir Alvarez

Nasceu feio e disforme. Desde cedo conheceu seus companheiros: o balaio de amendoim, a caixa de graxa e, por fim, a esmola. Cresceu. Visão berrante. Ali, na lege fria da calçada, um metro e meio, esquelético, corcunda. A barba por fazer, os descoloridos cabelos grotescamente desalinados a caírem-lhe pelo rosto, os dentes amarelos e os olhos raiados de vermelho, denotavam intensas privações.

Pedro lembrava de um médico, suas receitas, os preços exorbitantes dos remédios, a impossibilidade de leitos na Casa de Saúde, a resignação, as tosses, os vômitos periódicos. Antevia seu futuro. Igual ao do mãe e do pai.

Sentira na carne os pontapés, desaforos, as portas fechadas, os rostos contraídos daqueles que o podiam auxiliar e que o repudiavam. Mas era um tolo, ignorante e analfabeto.

Notou que o homem perdera a carteira. Apressou-se em juntá-la a fim de entregá-la ao dono. Poderia ter ficado com ela. Seria fácil, quase natural, na situação em que se encontrava. Além disso, o movimento era intenso. Porém, coitado, era bobo, muito bobo. Achegou-se ao cidadão e bateu-lhe no ombro. Nada. Segurou-o pelo casaco. Então, virando-se, aquele que parecia ser distinto senhor, notando sua carteira nas mãos esquálidas do tísico, começou a berrar: "Pega o ladrão!"

Pedro nada pôde fazer. Foi preso. Negou. Não adiantou. Recolheram-no ao xadrez.

Um mês depois, esquecido, ainda no catre, Pedro morreu, em silêncio, sem gemidos e sem amigos.

Textos para publicação no próximo número deverão ser enviados para o Departamento de Cultura da Ajuris até o dia 30/06/96. O texto deverá ter como limite uma lauda com aproximadamente 250 palavras, ou deverá o autor manter prévio contato. Solicita-se indicar nome, cargo, cidade, estado, publicações das quais já participou.

abuso sexual

José Carlos Laitano

Violência sexual coisa nenhuma, doutor! Cumpri direitinho todas as regras do Manual. Caminhava do outro lado da rua, ela na parada de ônibus. Olhei. Ela olhou. Olhei outra vez. Com o dedo perguntei se podíamos conversar. Agitou a cabeça. Atravessei a rua e comecei pelo trivial. Esquitei o assunto, disse do prazer da conversa, continuaria o meu o caminho, querendo carona até um pedaço?... Respondeu sim. Fomos até o estacionamento, ela entrou no carro, sentou, a saia subiu. Fiquei agitado, confesso. Algumas quadras adiante indaguei onde queria descer.

No teu apartamento, falou me olhando.

Fomos.

Consultei se podia beijá-la.

Sim.

Na boca?

Sim.

Pode ser de língua?

Si...

Beije.

Caímos no chão, devagar, dobrando as pernas. Rápido, sondei se permitia apalpar os seios.

Direito ou esquerdo?

Procurei lembrar qual parecera-me maior.

O esquerdo.

Melhor os dois, admitiu, nenhum atrofia.

E lamber, deixa?

Não pode olhar.

Fiquei preocupado. Pode ser gay! Só um jeito para descobrir, mas era cedo para pedir. Vale a ilusão, decidi.

Chegamos ao orgasmo depressa.

Não era gay.

Vestiu-se e ajudei a correr o fecho da blusa, por trás.

Na despedida dei-lhe um tapinha na bunda, um cumprimento, doutor, um muito obrigado. Além do escândalo no edifício ainda me acusa de violência sexual?

Do livro: *Recado a um (velho) escritor*, no prelo.